

Metodologias de Pesquisa em Ciências Humanas Sociais – Percurso Epistemológico da Pesquisa Qualitativa

Ana Carolina Santos do Nascimento¹

¹ Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasil. aninha.acsn@hotmail.com; ana.acsn@gmail.com

Resumo: Este artigo científico consiste em uma discussão quanto ao percurso metodológico e epistemológico pelas quais é possível observar a Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais, baseado, maiormente na obra de Hilton Japiassu (1978) “Nascimento e Morte das Ciências Humanas” e Serge Moscovici (2015) “Representações Sociais - Investigação em Psicologia Social. Discutimos e avaliamos que, em alguma medida, toda ciência já produzida pela humanidade pode ser caracterizada como ciências humanas, mesmo que estiverem atreladas às ciências físicas, matemáticas ou biológicas, pois foram produzidas e sistematizadas por seres humanos. Para isso propomos a discussão histórica e epistemológica dos conceitos de ciências, a metodologia qualitativa em trabalhos científicos e, mais especificamente, ciências humanas sociais.

Palavras Chaves: Pesquisa qualitativa; metodologia qualitativa; Representações sociais; Ciências Humanas e Sociais.

Research in Social Human Sciences - Epistemological course of Qualitative Research

Abstract: This scientific article consists of a discussion about the methodological and epistemological path through which it is possible to observe the Qualitative Research in Human and Social Sciences, based mainly on the work of Hilton Japiassu (1978) "Birth and Death of Human Sciences" and Serge Moscovici Social Representations - Research in Social Psychology. We discuss and evaluate that, to some extent, all science already produced by humanity can be characterized as human sciences, even if they are linked to the physical, mathematical or biological sciences, because they were produced and systematized by human beings. For this we propose the historical and epistemological discussion of the concepts of sciences, the qualitative methodology in scientific works and, more specifically, human social sciences.

Keywords: Qualitative research; Qualitative methodology; Social representations; Human and Social Sciences.

1 Introdução

A pesquisa em ciências humanas sociais é um assunto acadêmico muito debatido no que diz respeito aos seus aspectos epistemológicos. Possivelmente, por suas implicações históricas, metodológicas e conceituais, é possível perceber que a produção científica em ciências sociais normalmente, implica, justamente, em seu estudo epistemológico e de suas representações sociais. Ressaltamos, pois a importância desse debate, tendo em vista que o entendimento do caminho que essa modalidade de pesquisa percorreu garante ao pesquisador compreensão do seu lugar de pesquisa e, sobretudo, o auxilia no entendimento da forma com que esse lugar de pesquisa implica na sua construção discursiva, na interpretação dos dados produzidos, dos resultados alcançados e, sobretudo, na consequência social de sua construção científica e de suas representações sociais. Um percurso epistemológico foi descrito e analisado de forma crítica por Japiassu (1978) que, em seu livro “Nascimento e Morte das Ciências

¹ Acadêmica do curso de Doutorado em Educação na Universidade de Brasília, mestre e Educação, Arte e Tecnologias. Pedagoga especialista da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Humanas”, buscou lançar luz nas obras de importantes autores que se debruçaram para construir e compreender as pesquisas científicas, o processo de afastamento metodológico das pesquisas em ciências sociais e humanas das pesquisas em ciências exatas, físicas e biológicas, bem como o decurso de emancipação da primeira em relação à última modalidade científica.

O enquadramento dos estudos humanos em assuntos sociais nos moldes da ‘pesquisa científica’ como comumente é difundido, principalmente no que diz respeito aos seus aspectos metodológicos, implicou em uma desumanização das ciências sociais e, por isso mesmo, despersonalizou sua principal característica, que é a construção de um modelo de inteligibilidade feita por humanos que visa compreender as suas relações entre seus pares. Neste sentido, Moscovici (2015) nos alerta sobre as representações sociais, abordando de que maneira o conhecimento é produzido e interpretado dentro de uma ‘psicologia social do conhecimento’. Para Japiassu (1978) esse processo ocorreu, possivelmente, por conta da dificuldade do pesquisador ser, ao mesmo tempo, o ‘objeto de pesquisa’ e sujeito da pesquisa. Essa dualidade se desdobra quando levamos em conta que o problema de pesquisa em ciências sociais e humanas é construído pelo homem para o próprio homem e que, diferentemente das pesquisas em ciências biológicas, o empirismo seria impraticável e, por este motivo, sugerimos as representações sociais do conhecimento. Para ilustrar esse entendimento o autor faz uma analogia com Sartre que, em última instância argumenta que as ciências humanas é uma forma de compreensão a respeito do que o homem faz e pensa a respeito de si mesmo, determinando, dessa maneira, que as ciências humanas sociais se tornem um sistema que apenas pode ser compreendido a partir de si mesmo, pelo sujeito que pesquisa e que é o objeto de seu próprio saber, pois representa e é representada por esses sujeitos.

2 Como Nasceram ou foram Construídas as Metodologias em Ciências Modernas

Diversos autores já se dedicaram a tentar explicar como se deu o processo de nascimento ou construção das ciências humanas modernas, bem como tentam compreender de que maneira ela está ocorrendo atualmente. Japiassu (1978), em sua narrativa da histórica das ciências, recorre ao modelo de inteligibilidade proposto por Kant, que questionava o que seria realmente possível compreender sobre a realidade humana e de que forma esse processo deveria acontecer, propondo, dessa maneira, umas das primeiras asserções de epistemologias das ciências humanas sociais. Para Kant o saber científico era dependente da razão, e que essa razão libertaria o homem, por meio do conhecimento ou da ‘ciência do sentido’. Dessa maneira, a ideia do modelo de inteligibilidade científica de Kant está baseada na liberdade do ser e no sentido das coisas. O autor recorre também à teoria de Marx baseado na compreensão das ciências da práxis. Nesse modelo a ciência consiste em um processo filosófico de tomada de consciência para a transformação – ou distribuição de oportunidades de ascensão num modelo onde o realismo é fundamental – visando a igualdade social, muito mais do que a vontade de compreender o mundo como propõe Kant, mas sim de transformá-lo.

Em seguida o autor traz o modelo de Koyré (1991) que afirma que o pensamento científico, sobretudo em ciências humanas e sociais jamais se afastou do modelo de inteligibilidade da filosofia e que, por isso mesmo, as grandes revoluções paradigmáticas vieram acompanhadas de mutações de concepções filosóficas. Koyré (1991) aponta, de forma ainda sutil, para o abandono dos pressupostos positivistas em ciências sociais quando afirma que “o pensamento científico não se desenvolve em um vazio cultural” (p.24), mas sim em um contexto de ideias de ordem extracientíficas, porém, nos escritos de Japiassu

(1978) não é possível inferir aprofundamento dessa ideia. No entanto, cabe ressaltar que, para além de apenas contextos extracientíficos, as ciências humanas – quer sejam ciências sociais, ciências biológicas ou ciências matemáticas – são construídas em momentos históricos, culturais e políticos próprios e que esses fatores influenciam de maneira decisiva no processo de construção de saberes científicos; portanto, a verdade científica fica reduzida a um momento histórico específico, ou seja, uma representação social desse momento, feito por pessoas para outras pessoas. Isso porque: *“O sonho positivista de uma ciência sem metafísica – que hoje é seguidamente traduzido por uma ciência sem ideologia – provavelmente não se tornará realidade.”* (Moscovici, 2015, p.117)

Japiassu (1978) propõem uma análise histórica da construção das ciências como modelo metodológico e estruturado que conhecemos atualmente. Para isso, ele perfaz os estudos de Galileu que, rompendo com a renascença, inaugura a revolução científica moderna onde, abrindo mão dos preceitos mágicos e divinos que vigoravam até então, propõe que a natureza só poderia ser conhecida por meio da experiência, percorrendo a linguagem geométrica e matemática para embasar suas deduções. Neste momento histórico, onde Galileu rompe com o misticismo, é possível verificar a submissão de todo o saber à razão, no que implicou uma nova forma de compreender o mundo e no dilaceramento de todas as certezas antes estabelecidas baseadas na perfeição e força divina. Neste modelo, a verdade do mundo seria indiferente à verdade humana, pois seria regido por normas naturais impassíveis. Propondo a união entre teoria e prática, Galileu, sem dúvidas, revolucionou o processo de conhecer o mundo. A sugestão da análise empírica para a construção de teorias ainda é grandemente utilizadas em ciências em tempos atuais, no entanto, vale complementar que mesmo nesse modelo, o saber científico ainda se resume a uma construção humana eminentemente intelectual, portanto, os saberes de qualquer natureza – científico, filosófico, artísticos ou religioso – jamais poderão ser indiferentes à verdade humana, visto que são construídos por meio dela e a representam em alguma medida.

É importante depreender que as ciências humanas sociais, num primeiro momento, foram tuteladas pelas ciências matemáticas e biológicas que, mesmo também sendo ciências humanas (tendo em vista que são representações sociais de ideias humanas e feitas por humanos para outros humanos), levaram os seus estudiosos a acharem que poderiam e deveriam presar pela neutralidade científica e pelo afastamento entre sujeito de pesquisa e objeto de pesquisa, num modelo positivista de estudos científicos. Neste sentido, as ciências sociais também passaram por esse processo de apego pela neutralidade, buscando uma verdade a-histórica, empirista (num constructo formalista que procura subordinar o conhecimento dos fatos às conjecturas que julgam reais) e puro. Mesmo nos modelos propostos por internalistas (que acreditam que as revoluções científicas se dão dentro do meio científico para ele mesmo) ou dos externalista (que afirmam que essas revoluções acontecem em outros meios e, posteriormente, atingem o sistema científico), é possível inferir que, sendo a ciências uma prática social (uma representação de saberes construídos socialmente) indissociável à prática humana e que, à época o único modelo científico que conhecíamos era o modelo positivista empírico, fica explicada a submissão das ciências humanas sociais às metodologias das ciências matemáticas e biológicas. Finalmente, podemos compreender os motivos pelas quais as ciências humanas e sociais já nasceram, ou foram construídas de forma mecanicista.

Em contrapartida, alguns estudiosos como Bachelard (1996), demonstrando convergência com Moscovici (2015) negam, em seus escritos, essa ciência empírica e mecanicista, afirmando que em cada momento histórico a ciência produzida em determinado contexto cultural constrói também suas próprias normas de verdade. Ora, se mesmo o conceito de ciência muda ao longo do percurso histórico, era de se esperar que tanto as metodologias mais utilizadas e, até mesmo, o conceito de ‘verdade científica’

também se transformasse. Podemos observar faticamente essa teoria quando comparamos as ideias de Newton e Einstein. Inaugurando a teoria da relatividade, Einstein propôs um novo modelo de entendimento que revolucionou os processos observados por Newton que, para além de um mero aprimoramento e evolução de seus estudos, caracterizou uma nova maneira de observar e entender o mundo.

Percebemos, no entanto, as razões pelas quais o modelo mecanicista era preferido no século XVII, século em que ele imperou. Com o advento da civilização industrial e a perspectiva humana de dominação da natureza pelo homem – perspectiva nunca antes imaginada até o advento dos estudos de Galileu, tendo em vista a condição divina da natureza e a submissão humana às coisas de Deus – a superação e o controle humano da natureza por meio da máquina fazia vislumbrar possibilidades de controle das condições para a produção de alimentos, transporte, entre outros que, para além da produção de larga escala, possibilitavam o controle social de todos os envolvidos nesse processo. Saindo do modelo teocêntrico e entrando no modelo antropocêntrico, a condição humana alterou-se, possibilitando a construção de um novo modelo de inteligibilidade baseado, segundo Japiassu (1978) em um tripé cujas tradições que o sustenta são a organicista (explicações biológicas), mecanicista (explicações em analogias com as máquinas) e mágicas (baseada nos estudos alquímicos, nos escritos bíblicos e na magnitude divina). Observando que mesmo nos estudos de Newton, que até hoje são considerados de grande importância científica, é possível encontrar referências a estudos mágicos de alquimia que, em grande medida, procuram integrar processos divinos, filosóficos a processos químicos e biológicos, como negar que a ciência, nos moldes que conhecemos hoje, não sofreria tais influências, que caracterizam uma fuga sem tamanho à maneira de conhecer o mundo baseada no positivismo.

A ideia da positividade que surge das experiências da biologia maiormente, como processos acessíveis à observação para estudos se espalhou por tudo o que denominavam saberes científicos como um polvo que lança seus tentáculos para abarcar a maior quantidade de saberes possível. Obviamente, alguns processos em ciências humanas e sociais são representações observáveis, no entanto, a máxima positivista de reprodução da experiência científica, da regularidade desses processos e da semelhança de resultados está muito distante da realidade nessa modalidade de pesquisa. Notamos, que a investida do ‘polvo positivista’ conseguiu sucesso apenas por um tempo em ciências humanas. Isso porque, o empreendimento científico nunca foi apenas prático, nem tampouco apenas teórico. Para Japiassu (1978) “a ação constitui a mola fundamental da ciência” p.84 e, por isso mesmo, o entendimento da ciência caracteriza também o entendimento da ação ou acontecimento em um processo por vezes empírico, por vezes teórico e, por vezes, os dois simultaneamente. Portanto, o cientificismo que nasce junto ao positivismo, com base no saber científico apenas experimentável pelos órgãos do sentido; na autonomia científica em um constructo a-histórico; no sentido de continuidade e evolução linear do arcabouço científico ou de uma prática puramente teórica perdem espaço, dando lugar a um ‘novo cientificismo’ p.86, mas que ainda não é capaz de responder aos anseios e necessidades das ciências humanas e sociais. Esse novo cientificismo que, para o autor, deixa de lado a individualidade, tanto do sujeito que pesquisa, quanto do sujeito pesquisado, promove uma despersonalização do conhecimento e ainda ignora os sujeitos pensantes, interrogativos e subjetivos envolvidos em qualquer processo de pesquisa. Fato que ocorre em ciências humanas sociais, mas também em ciências humanas biológicas, ciências humanas físicas, ciências humanas matemáticas ou qualquer outra modalidade científica produzida pelo homem (ou mulher).

Com o advento de metodologias próprias às ciências humanas sociais, o cenário positivista, empirista, despersonalizado e objetivo começa a mudar, dando lugar as suas representações sociais, que “são sempre produto de uma interação e comunicação e tomam forma e configuração específicas em determinado momento.” (Moscovici, 2015, p.21). O abandono do eixo da ciência rigorosa no modelo positivista biológico começa a dar lugar ao eixo da cultura e da história, buscando uma linguagem que propicie a tomada de consciência holística e situada em um contexto social e histórico do processo científico. Por conta disso, fica impossível encaixar as ciências humanas e sociais em uma metodologia unitária, tutelada pelas práticas científicas matemáticas ou biológicas. Neste momento, é possível considerar as primeiras tentativas de teorizações específicas para as ciências humanas e sociais, que mesmo assim, ainda recorreram às teorias positivistas, mas que se desenvolveram para além dela, em propostas sociológicas, psicológicas e, atualmente subjetivas, superando essas últimas disciplinas em seus modelos de cientificidade, como sugere Moscovici (2015).

Para Japiassu (1978) houve, durante o século XIX, uma tentativa de classificação metodológica e epistemológica em ciências humanas. Essa classificação perpassa o positivismo de Saint-Simon (1760-1825) que afirma que a ciência do homem deveria constituir-se sobre os moldes das ciências biológicas e foi reforçado por Comte que propõe a lei dos três estados, em um desenvolvimento linear que percorre o estado teológico (ação sobrenatural sobre o estado humano), estado metafísico (onde os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas), para enfim chegar ao estado positivo (baseado no raciocínio e na observação e suas relações de sucessão e similitude). Para Comte os processos de passagem do geral para o particular e do simples para o complexo eram essenciais em constructos científicos. Como superação englobante a esse modelo emerge a sociologia como ciência específica que, segundo o autor, propõe a solidariedade entre os fenômenos sociais, orgânicos e inorgânicos, o que corrobora com a metodologia qualitativa de estudo científico.

A emergência por métodos qualitativos em pesquisa fez emergir as teorias baseadas em representações sociais do conhecimento, metodologia esta que considera os intercâmbios comunicativos entre pesquisador seu ambiente de pesquisa como fenômenos primordiais e essencialmente metodológicos no processo de pesquisa. Neste contexto o pensamento é, segundo Moscovici (2015), considerado como ambiente pois, em alguma medida, apenas somos capazes de desenvolver metodologias de pesquisa em ambiente nas quais estamos familiarizados. Dessa maneira *convencionalizamos* objetos, pessoas ou acontecimentos para que, a partir dessa convenção social, sejamos capazes de pesquisar de maneira qualitativa, ou seja, para além do viés positivista de pesquisa científica.

Fatalmente, qualquer teoria que procure enquadrar os aspectos subjetivos humanos, em processos estanques, metodologias fechadas e objetividades jamais serão capazes de abranger as inúmeras possibilidades de estudo em ciências humanas e sociais. Neste sentido, essas propostas de inteligibilidade positivistas já nascem falidas, pois se deparam com uma “realidade que é una, mas não se deixa apreender de modo único” (Japiassu, 1978, p.129), pois depende, visceralmente, das condições de entendimento dos sujeitos pesquisadores e dos sujeitos pesquisados. Portanto, a representação da realidade, por hora de maneira ideológica, por hora de maneira biológica, por hora de maneira filosófica não permite ‘comodidades teóricas’, pois baseiam-se em conhecimentos selecionados em um determinado contexto que não apenas evoluem, mas principalmente revolucionam ao que Japiassu (1978) chama de ‘ponto de não-retorno’. Mesmo no nível de compreensão baseado na hermenêutica, que visa a interpretação da linguagem como metodologia fundamental em ciências humanas, não há como considerá-la uma metodologia universalizante, sob pena de desantropologizá-la. Isso porque, quaisquer formas de linguagem arriscam-se em duplicidades ou subjetividades – tanto daqueles que

falam, quanto daqueles que escutam – e, por isso mesmo, estão a mercê de suspeitas inaceitáveis aos processos científicos positivistas como conhecemos atualmente.

2.1 Sobre a investigação em Ciências humanas e Sociais e a Metodologia Qualitativa – As Representações Sociais do saber Científico

A linguagem científica, que é, por si mesma uma linguagem humana e, por tanto uma representação social, bem como todos os saberes que perpassam essa linguagem permeiam o imaginário coletivo e, em alguma medida são integradas aos saberes do senso comum. Nadando contra a corrente do saber científico em momentos históricos do passado, onde as informações que eram geradas por meio de pesquisas científicas – quer sejam em abordagens quantitativas ou por meio de abordagens metodológicas qualitativas – circulam apenas no meio acadêmico, atualmente circulam com rapidez nunca antes vista. A internet rápida e muitíssimo acessível permitiu, como em nenhuma outro momento histórico conhecido, que as informações que, em outro contexto ficariam restrita a materiais impressos e, sobretudo restrito as poucas pessoas que tivessem acesso a esse material, encontram difusão em escalas geométricas.

Essa nova realidade de pesquisa gera o que Moscovici (2015) chama de produção psicossocial do conhecimento. Para este autor, a possibilidade de interação e comunicação entre pesquisadores, sujeitos e objetos de pesquisa familiariza o saber científico, tornando-o cada vez mais carregado de qualidades humanas que, por meio de um investigação apenas quantitativa, seria impossível observar. Neste sentido, a prática de pesquisar em ciências humanas e sociais, por meio de metodologias qualitativas atribui às ciências “*representações visíveis como para torná-las inteligíveis como formas de prática social*” (Moscovici, 2015, p.25) transformando a nossa realidade cotidiana, balizando nossas escolhas reais e diárias e em contexto cada vez mais familiar e à vista disso, cada vez mais integrada ao que chamamos de senso comum.

Reconhecendo que as ciências e todas as suas linguagens são criações humanas e que, por isso mesmo, carregam seu conteúdo simbólico, vieses históricos-culturais, elas podem ser observadas como representações sociais de uma forma de inteligibilidade do mundo que tentamos compreender. Portanto, reduzir a realidade humana a alguns poucos dados de amostragens ou a números e quantidades que pouco dizem sobre um contexto holístico do conhecimento é reduzir o próprio conhecimento. Em uma perspectiva das representações sociais é necessário descobrir de que maneira a comunicação e a interação entre pares determina a linguagem e, por isso mesmo, os saberes científicos. Essa compreensão, no entanto, apenas é possível em contextos qualitativos de investigação científica pois; somente por meio da descrição e abordagem de caráter qualitativo onde será possível conhecer o posicionamento do sujeito que pesquisa, descrição dos sujeitos e contexto pesquisado e análise holística do saber construído por meio de uma investigação científica; seremos capazes de compreender o sentido do pensamento do sujeito que pesquisa, seus objetivos, hipóteses e relações históricas e culturais de seu saber.

Dessa maneira a própria representação social do saber científico fará mais sentido, pois estará contextualmente, historicamente e culturalmente situadas e, se for o caso, as generalizações serão também guiadas de acordo com cada contexto e momento particular para a construção de novas inteligibilidades. Isso porque, para Moscovici (2015) estamos considerando como um fenômeno o que, anteriormente era considerado apenas um conceito, ou seja a maneira específica de compreender e comunicar o saber científico por meio da investigação qualitativa não é apenas um instrumento que dará

origem a outros saberes, mas sim um o próprio fenômeno a ser investigado, questionado e compreendido em suas faces icônicas e simbólicas.

Quando tratamos da investigação científica como um fenômeno dinâmico, que opera em conjunto a tantas outras relações e representações sociais, saberes confinados a números e generalizações descontextualizadas desaparecem, dando lugar a investigações científicas que são construídas por sujeitos, juntamente a tantos outros sujeitos (sujeitos de pesquisa e colegas de investigação) que se comunicam, se interrelacionam e geram, nesse contexto, tantos outros saberes. Dessate, a melhor maneira de investigação científica em ciências humanas e sociais é a investigação qualitativa que considera as representações sociais do saber científico como fenômeno, e não apenas instrumento.

3 A Possível Morte das Ciências Humanas e Sociais – A Inconclusão Científica e a Emergência de Metodologias Qualitativas de Investigação Científica

Se quisermos – por força cultural ou mesmo, por meio de construções de conceitos e metodologias que acreditamos ser o que se pode chamar de ‘científicos’ – tentar encaixar as subjetividades humanas em processos positivos e objetivos, é possível concluir que a ciências humanas realmente morreram, porém sem nunca terem nascido. Isso porque, todas as tentativas de empacotar os estudos sobre as relações humanas nos métodos positivistas e empiristas que prevaleceram nas ciências biológicas e matemáticas foram fracassadas. Por tanto, é possível concluir, que as metodologias qualitativas se mostram como único caminho possível para o estudos em ciências humanas e sociais.

Em contrapartida, quando consideramos que o saber científico é apenas uma linguagem (ou uma representação social), dentre tantos outros modelos de linguagem que existem, é possível vislumbrar uma nova maneira de ver a ciência, diferente do que foi comumente estabelecido, e dentro dessa nova perspectiva, o estudo em ciências humanas sociais cria força e se desenvolve em terreno fértil. No entanto, normalmente observamos as tentativas de enquadramento das ciências humanas em uma ‘teoria geral de conduta’ (G. Cinaguilhem, citado por Japiassu – 1978 p.216), numa investida de compor essa modalidade científica sobre um corpo de conhecimentos que tem as relações humanas como ‘objeto’, apenas em seus aspectos empíricos. Investida que já nasce fadada ao insucesso, tendo em vista que, grande parte das ações humanas não caracterizam aspectos lógicos e objetivos.

Japiassu (1978), empenhando-se em explicar essa impossibilidade de enquadramento das ciências humanas em padrões positivistas, faz uma comparação entre os modelos propostos por Marx, Nietzsche e Freud, levantando o conceito de contra-ciência e seu desenvolvimento no que diz respeito às peculiaridades dos estudos, quer sejam científicos ou contra-científicos, das relações humanas. Reconhecendo a complexidade da obra desses três autores, Japiassu (1978) traz alguns dos principais argumentos de Foucault como tentativa de exemplificar a sua constatação de que o sujeito das ciências humanas e sociais – portanto seu maior interessado, tanto no que diz respeito ao próprio processo de estudo e as conclusões de tais estudos – foi deposto. A deposição do sujeito em ciências humanas e sociais caracteriza, portanto, a sua obsolescência, pois, tendo em vista que essa modalidade científica (assim como todas as outras ciências) foi construída por ele e para ele, admitir que o homem (ou a mulher) não é mais centro das pesquisas em ciências humanas é, de fato, presenciar o seu falecimento.

Por outro lado, se nos desprendermos da condição científica positivista, compreendendo a heterogeneidade desse campo de estudos, acompanharemos o nascimento e renascimento das ciências humanas e sociais que fogem da modelagem de comportamentos sociais ou individuais (tal como os

estudos psicológicos propostos pelo *behavioral engineering*), para uma produção científica situada, onde a subjetividade humana é reconhecida e não mais transformada em conceitos ou teorias e que, maiormente, são balizadas por metodologias qualitativas de pesquisa. No entanto, admitir os limites científicos não se resume em captar a impossibilidade de compreensão completa dos sujeitos e de suas relações, perpassa também por observar e acolher os próprios limites da linguagem científica e suas representações sociais, carregada de simbolismos, significados semióticos e culturalmente situados pela própria possibilidade ou impossibilidade de conhecer do pesquisador. Isso porque, “conhecer não é um dom que nos é dado, não é uma revelação” (p.227), conhecer também é um ato construído culturalmente, portanto, também limitado pela cultura nas quais estamos inseridos, determinando e sendo determinados por ela. Mas se, porém, a linguagem científica em ciências humanas insistir em preservar sua positividade, metodologia única e rígida e ceticismo quanto às subjetividades do ‘sujeito falante’ (p.233), será um linguagem que fala sem interlocutores ou uma linguagem que fala para ninguém. Isso porque, especialmente em ciências humanas sociais, perderia a sua principal características: o fato de ser feita por pessoas, sobre pessoas, para pessoas. Neste sentido, encontramos amparo em metodologias qualitativas, capazes de dar voz aos sujeitos pesquisados e aos sujeitos que pesquisam e, dessa maneira, voltam a ser uma linguagem que representa socialmente os seres humanos em sua qualidade essencial, a comunicação.

Referências

- Bachelard, G. (1996). *A Formação Do Espírito Científico: Contribuição Para Uma Psicanálise Do Conhecimento*, (Trans. Estela Dos Santos Abreu). Rio De Janeiro: Contraponto.
- Japiassu, H. (1976). *O Mito Da Neutralidade Científica*. (2nd Ed.) Revista. Rio De Janeiro: Imago.
- Japiassu, H. (1978). *Nascimento E Morte Das Ciências Humanas*. (3rd Ed.) Revista. Rio De Janeiro: Francisco Alves.
- Japiassu, H. (1983). *A Pedagogia Da Incerteza E Outros Estudos*. Rio De Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Koyré, A. (1991). *Estudo De História Do Pensamento Científico*. São Paulo: Forense.
- Moscovici, S. (2015). *Representações Sociais. Investigação Em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Perez, D. O. (2008). *Kant E O Problema Da Significação*. Curitiba: Editora Champagnat.